

Engrossando as Fileiras: Filhos do Iraque, Um Multiplicador de Combate

Tenente-Coronel John S. Kolasheski, Exército dos EUA, e
Major Andrew W Koloski, Exército dos EUA

Não tentem fazer demais com as próprias mãos. É melhor que os árabes façam um trabalho sofrível que vocês o façam perfeitamente. É a guerra deles e vocês devem ajudá-los, e não ganhar a guerra por eles.

—T.E. Lawrence, “Twenty-Seven Articles,” *The Arab Bulletin*, 20 de agosto de 1917

Ao longo do tempo, se você construir com sucesso redes de confiança, estas crescerão como raízes na população, deslocando as redes inimigas, tirando sua cobertura e forçando-as a lutar contra você, assim você assume a iniciativa. Essas redes incluem os aliados locais, líderes comunitários, forças de segurança locais...

—LTC David Kilcullen, “‘28 Artigos’: Importantes Fundamentos para uma Companhia em Operações de Contra-Insurreição”, da Edição Brasileira da *Military Review* (Setembro-Outubro de 2006)

QUANDO O 3º Esquadrão do 1º Regimento de Cavalaria dos EUA foi enviado para o Iraque, em março de 2007, como parte da 3ª Brigada de Combate Pesada (*Heavy Brigade Combat Team — HBCT*), 3ª Divisão de Infantaria (Mecanizada), a terceira das cinco brigadas extras, a unidade herdou um espaço de batalha complexo, que não fora ocupado de forma rotineira por um grande número de forças da coalizão desde o final de 2004. Apenas duas tropas de cavalaria

com capacidade insuficiente, que conduziam operações de economia de meios para a Divisão Multinacional em Bagdá, patrulhavam toda a área de Mada’in Qada, a leste dos Rios Diyala e Tigre, aproximadamente do tamanho do Estado de Rhode Island. Em consequência, a situação de segurança se deteriorou a tal ponto que as forças que operavam a partir do centro de Bagdá a designaram de “Leste Selvagem”. Grandes e bem organizadas forças extremistas — tanto xiitas quanto sunitas — operavam com impunidade e, para todos os efeitos, faziam os cidadãos e os representantes do governo local de reféns. Embora

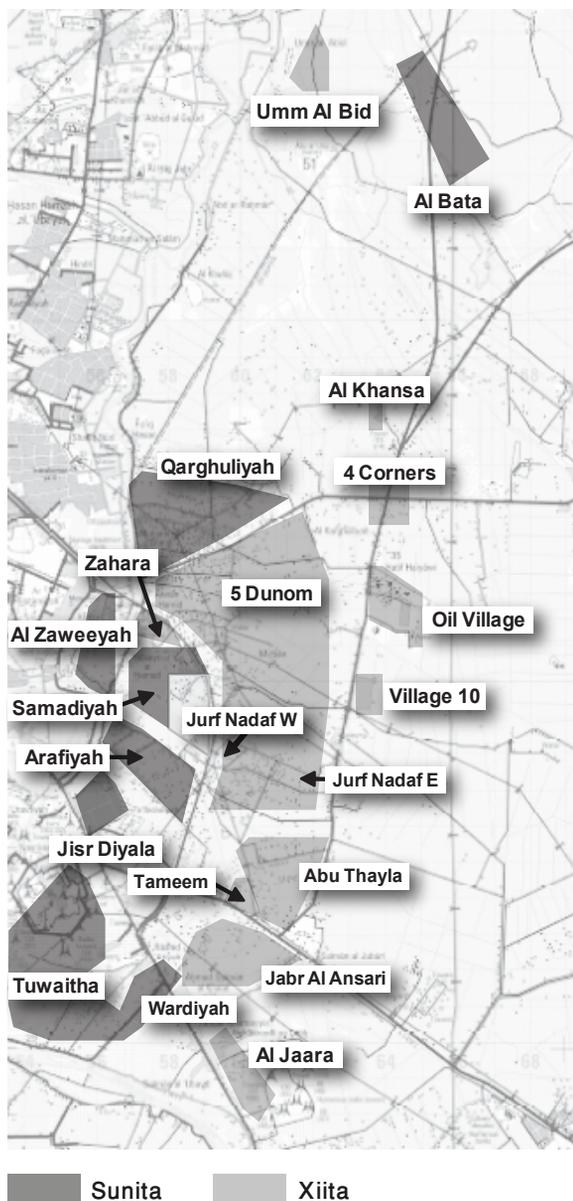


Foto: cortesia do autor

Filhos do Iraque vigiam um posto de controle em Qarguhliyah.

O Tenente-Coronel John S. Kolasheski é aluno da Escola de Guerra do Exército dos EUA, em Carlisle, Pennsylvania. É bacharel pela Bucknell University e mestre pela University of Central Florida. Também se formou pela Escola de Comando e Estado-Maior, no Forte Leavenworth. O Ten Cel Kolasheski atuou em apoio às OIF (Operation Iraqi Freedom) I, II, e V.

O Major Andrew W. Koloski é o oficial de ligação do Centro e Escola de Blindados do Exército dos EUA, no Forte Benning, no Estado da Geórgia. É bacharel pela Academia Militar dos EUA e mestre pela Stanford University. Também se formou pela Escola de Comando e Estado-Maior, no Forte Leavenworth. Atuou em várias funções de comando e estado-maior nos Estados Unidos e no exterior, tendo retornado recentemente de um desdobramento no Iraque em apoio à OIF V.



a escalada de forças americanas tenha levado as unidades das forças da coalizão para a área pela primeira vez em anos, o ambiente complexo e a situação de segurança precária retardaram e dificultaram o progresso da contrainsurgência. Depois de criar bases avançadas para melhor projetar as tropas na população, o 3º Esquadrão do 1º Regimento de Cavalaria teve de superar alguns desafios iniciais para avançar.

No final de julho, uma coincidência de eventos externos e a aplicação de fundamentos da contrainsurgência mostraram uma forma de melhorar a segurança por meio da utilização dos cidadãos locais como contratados de segurança

para proteger a infraestrutura crítica. O que começou como um movimento de base, que ganhou ímpeto em uma pequena parcela da área de operações, tornou-se parte fundamental da estratégia de contrainsurgência do esquadrão. A maior segurança possibilitou o desenvolvimento econômico, político e social, o qual conquistou o apoio continuado da população.

Essa estratégia extraordinariamente eficaz utilizou os contratados de segurança “Filhos do Iraque” para engrossar as fileiras das forças da coalizão, facilitar a reconciliação nas aldeias locais, capacitar as Forças de Segurança do Iraque, conectar o governo local com o povo e melhorar as condições econômicas.

Onda do Oeste

A ideia por trás dos Filhos do Iraque se originou na Província de Al Anbar, no oeste do Iraque. Durante o verão de 2006, insurgentes ligados à Al-Qaeda no Iraque (AQI) assassinaram um eminente xeque sunita e esconderam o corpo dos familiares durante três dias, para que não pudessem providenciar o seu enterro segundo os costumes islâmicos. A indignação provocada por essa ação, aliada à maior segurança local, estimulou um grupo de líderes tribais sunitas liderados pelo xeque Abdoul Sattar Buzaigh al-Rishawi a formar uma aliança com as forças da coalizão contra a Al-Qaeda no Iraque. Chamaram o movimento de Sahwah al Anbar, ou “Despertar de Anbar”.

Apoiada pelas forças da coalizão e pelo governo do Iraque, a aliança acabou englobando 41 tribos ou subtribos, na maioria sunitas, na Província de Anbar. A aliança conduziu uma contraofensiva extremamente bem-sucedida contra a Al-Qaeda no Iraque. No verão de 2007, o Despertar de Anbar havia, de modo geral, afugentado a Al-Qaeda no Iraque da província e matado dezenas de líderes-chave da organização. O êxito possibilitou ao xeque Sattar participar de reuniões pessoais com o primeiro-ministro do Iraque, Nouri al-Maliki, e com presidente dos EUA, George W. Bush. Os resultados do “Despertar” foram concretos e provocantes. A maior segurança significou que as operações de estabilização e reconstrução podiam começar, que a prosperidade podia retornar e que os sunitas privados de direitos podiam ter a

chance de voltar à comunidade política. Esses benefícios tangíveis plantaram as sementes de uma expansão ainda maior no verão de 2006.

No ano anterior, a Al-Qaeda no Iraque conduziu uma campanha prolongada para separar as áreas xiitas em Bagdá de suas linhas de comunicação com o apoio iraniano. A violência resultante teve um efeito devastador nas áreas prósperas ao longo dos Rios Tigre e Eufrates. No verão de 2007, a deterioração da segurança e de serviços essenciais em Mada'in Qada tornou o "Despertar" uma perspectiva atraente para os sunitas que viviam em meio a divisões étnicas. Essa disseminação do Despertar coincidiu com a escalada das forças de combate dos EUA no Iraque e com a introdução de uma unidade com dimensão equivalente à de uma brigada em Mada'in Qada. A maior presença das forças da coalizão ajudou a desfazer o medo e fortaleceu a vontade das Forças de Segurança do Iraque. Cansados da interminável violência, os cidadãos locais enxergaram o "Despertar" como uma chance de pôr fim ao caos.

Do ponto de vista militar, utilizar o "Despertar" para resolver problemas em Jisr Diyala Nahia (subdistrito) fazia todo o sentido. Durante as avaliações operacionais semanais, os líderes de esquadrão discutiam com suas equipes o desenvolvimento de um movimento semelhante ao "Despertar", composto de voluntários de segurança iraquianos, para ampliar as unidades policiais e militares iraquianas com insuficiente capacidade na área de operações do esquadrão. Ficou logo claro que os voluntários tinham o potencial de ser bem mais que apenas uma força de ampliação da segurança local. Como afirmou o Coronel Wayne W. Grigsby Jr., comandante da 3ª Brigada de Combate Pesada da 3ª Divisão de Infantaria, o movimento de voluntários de segurança "pode representar uma oportunidade de implantar a arte da guerra de contrainsurgência pela aplicação de pressão nos extremistas ao longo de múltiplas linhas de operações".

Para o combate de contrainsurgência, os voluntários ofereceriam grande valor militar. Os cidadãos locais conheciam a maioria dos membros de suas comunidades, sendo capazes de reconhecer facilmente os de fora. Sabiam quais vizinhos apoiavam de forma tácita ou ativa os grupos insurgentes. Sabiam quem poderia fornecer informações oportunas e precisas sobre atividades



Foto: Exército dos EUA, Cabo Jeffery Sandstrum

Um voluntário de segurança iraquiano vigia a sua rua no distrito de Adhamiya, em Bagdá, no Iraque, 17 de novembro de 2007.

insurgentes, dando ao comandante do esquadrão Inteligência humana (*Human Intelligence — HUMINT*) essencial para o sucesso. Além disso, as equipes de coleta de Inteligência humana (*Human Intelligence Collection Teams — HCTs*) poderiam desenvolver e amadurecer essas fontes locais para criar um retrato mais detalhado e preciso das redes de células e organizações insurgentes e criminosas.

Os integrantes do esquadrão viram o impacto econômico imediato de contratar cidadãos locais, na maioria jovens desempregados, para desempenhar funções de segurança em suas vizinhanças. Essa contratação injetou dinheiro na economia local e gerou mais gastos e crescimento, conforme os proprietários de lojas aumentaram o inventário ou ampliaram o negócio para atender à maior demanda. Além disso, o movimento de voluntários de segurança reduziu o contingente de insurgentes e criminosos ao oferecer uma fonte alternativa de emprego aos rapazes iraquianos,

tornando-os, assim, menos suscetíveis a serem atraídos por insurgentes, criminosos e extremistas.

O movimento também aumentou a adesão entre os moradores locais. O senso de orgulho pessoal, advindo da tomada de uma ação positiva para reduzir a violência em suas áreas locais, se espalharia para comunidades inteiras. A adesão das comunidades locais as torna parte da solução em vez de apenas espectadoras da batalha de contrainsurgência. Em seu cerne, a guerra de contrainsurgência é uma disputa pelo apoio da população, e o movimento de voluntários pareceu oferecer a oportunidade de fazer avanços significativos em tal luta.

Por fim, o planejamento inicial do esquadrão indicou que o movimento de voluntários poderia oferecer um canal para a mobilização política dos que se sentiam desconectados do governo e impotentes para efetuar mudanças. A estrutura e a organização dos voluntários de segurança iraquianos forneceram redes para a transmissão de informações e coordenação da atividade política. O novo sentido de envolvimento transbordou para o processo político conforme os cidadãos locais ficaram mais exigentes com os governos de Nahia e Qada. Permitiu que o governo se conectasse com o povo e divulgasse o progresso na restauração de serviços essenciais e no desenvolvimento econômico. Em suma, o movimento voluntário pareceu ser uma aplicação exemplar dos princípios de contrainsurgência. A chegada do “Despertar” em Jisr Diyala Nahia, no final de julho de 2007, proporcionou ao esquadrão uma oportunidade de colocar o planejamento teórico em prática.

Origens humildes e um Quase Desastre: Arafia

Mesmo depois de várias semanas de planejamento, a utilização de voluntários de segurança iraquianos ainda era um processo de aprendizado contínuo. O esquadrão deu início a um processo calculado de estabelecer o primeiro grupo de contratados de segurança locais — hoje conhecidos como Policiais Voluntários Iraquianos, Cidadãos Interessados, Cidadãos Interessados Locais, ou Filhos do Iraque — com base em contatos locais bem estabelecidos. Desde o início, o esquadrão teve o cuidado de considerar os contratados de segurança de uma

perspectiva militar, contemplando que postos de controle e pessoal eram necessários para proteger a infraestrutura crítica e as áreas locais. A liderança do esquadrão se referiu a isso como “teste do *New York Times*”; isto é, tínhamos de ser capazes de justificar a utilização do dinheiro dos contribuintes americanos com uma necessidade militar que os leitores entendessem caso ela chegasse à primeira página do jornal *New York Times*. Com a necessidade militar em mente, os integrantes do esquadrão desenvolveram uma

As ações de Hussein Allawi salvaram as vidas de pelo menos quatro soldados americanos naquele dia, fato observado várias vezes pelo Presidente Bush em discurso posterior.

matriz para determinar o preenchimento de funções e autorizações de equipamento para cada grupo de segurança proposto.

Cada grupo seria responsável por um certo número de postos de controle, conforme determinado pelo acordo entre os Filhos do Iraque e o comandante da tropa ou companhia responsável pelo terreno. Autorizou-se um total de até 12 funcionários para operar cada posto de controle, com uma força de reação rápida de mais 12 funcionários autorizados para cada grupo de oito postos de controle. Cada grupo de Filhos do Iraque recebeu um valor inicial para a aquisição de rádios, bandeiras do Iraque e uniformes (a princípio, chapéus, cintos refletivos e camisetas e, posteriormente, camisas de manga comprida e calças). O salário de cada um dos integrantes dos Filhos do Iraque era de \$300 por mês (70% do salário de um policial iraquiano local), sendo os salários dos líderes dos postos de controle e do líder geral dos Filhos do Iraque ligeiramente maiores. (Os salários dos Filhos do Iraque foram reduzidos, mais tarde, para \$240 por pessoa.) Pagamos os grupos de Filhos

do Iraque mensalmente com valores alocados pelo Programa de Resposta de Emergência do Comandante (CERP, na sigla em inglês), uma fonte de financiamento oriunda de destinações complementares do Congresso.

O próprio financiamento era um obstáculo, exigindo várias análises jurídicas para determinar se o esquadrão poderia pagar os habitantes locais legalmente para proteger a infraestrutura crítica nas suas vizinhanças antes do início do trabalho. Dissemos aos líderes dos Filhos do Iraque que eles não poderiam utilizar o dinheiro para comprar armas ou munição e, como cada homem iraquiano podia manter uma AK-47 e dois carregadores em casa para a autodefesa, o esquadrão (em conjunto com o comandante da Polícia Nacional) autorizou os integrantes dos Filhos do Iraque a portar suas armas pessoais em suas áreas de segurança.

O esquadrão deu início, então, ao caso de teste em uma pequena vizinhança chamada Arafia, uma aldeia predominantemente sunita ao norte da cidade de Jisr Diyala. Procedendo de forma calculada, o esquadrão identificou um líder para o grupo de Filhos do Iraque. O comandante da companhia responsável pelo terreno utilizou seu relacionamento com um *mukhtar* (prefeito) local para fornecer uma base inicial sobre a qual construiria o primeiro grupo de Filhos do Iraque. Depois de coordenar a abrangência do projeto com o *mukhtar*, a companhia iniciou um processo deliberado de seleção de candidatos potenciais. O esquadrão inseriu dados sobre cada candidato em um banco de dados biométricos e o setor de Inteligência analisou-os quanto a informações adversas em vários bancos de dados de Inteligência das forças da coalizão. (Mais tarde, o esquadrão forneceu todos os nomes dos recrutas dos Filhos do Iraque para o líder das Forças de Segurança do Iraque, para que o ministro do interior pudesse examiná-los e aprová-los.) Os recrutas assinaram um juramento em que renunciavam à violência e prometiam vigiar as áreas dentro de seus postos de controle. Os novos Filhos do Iraque receberam uniformes; instrução básica sobre operações de postos de controle, procedimentos de busca, manuseio de armas e regras de engajamento; e instrução jurídica básica. A princípio, as forças da coalizão facilitaram esse treinamento. Mais tarde, porém, o esquadrão utilizou as Forças de Segurança do Iraque.

Depois de liberados, equipados, treinados e devidamente identificados, os Filhos do Iraque começaram a construir postos de controle e a assumir o controle das áreas. Apesar dos desafios logísticos — incluindo restrições legais que impediam a utilização de verbas operacionais para a compra de materiais para projetos nacionais locais — a companhia criou um grupo funcional de Filhos do Iraque em três semanas.

Em 18 de agosto de 2007, um homem-bomba atacou a casa do líder dos Filhos do Iraque em Arafia enquanto uma patrulha das forças da coalizão inspecionava postos de controle. Hussein Allawi, um dos integrantes dos Filhos do Iraque que vigiavam a casa, atacou o terrorista, impedindo-o de alcançar a patrulha dentro do complexo, sacrificando a própria vida quando o homem-bomba detonou os explosivos. Essa tragédia poderia ter destruído o ímpeto gerado pelo esquadrão. O integrante morto no ataque era o filho mais velho do líder dos Filhos do Iraque. Contudo, por meio de uma cuidadosa gestão de consequências e de operações de informações, o esquadrão conseguiu transformar o ataque em um exemplo positivo de um cidadão iraquiano corajoso que tomou uma ação positiva para restaurar a segurança de sua família e comunidade. O sacrifício desse homem ajudou a angariar apoio entre os cidadãos iraquianos para pôr fim à violência e cooperar com as forças da coalizão para derrotar os terroristas. As ações de



Foto: Exército dos EUA, Sgt Timothy Kingston

O Sgt Cristian Cea, do Exército dos EUA, 3ª Divisão de Infantaria, conversa com um integrante de um grupo de cidadãos interessados iraquianos, em Tuwaitha, no Iraque, 5 de setembro de 2007.

Hussein Allawi salvaram as vidas de pelo menos quatro soldados americanos naquele dia, fato observado várias vezes pelo presidente Bush em discurso posterior. A partir de origens humildes, o programa Filhos do Iraque superou um enorme obstáculo, obtendo efeitos estratégicos positivos no seu primeiro mês de existência.

Expansão para o Sul: Tuwaitha

Os eventos em Arafia geraram publicidade e ímpeto para que o esquadrão ampliasse o programa Filhos do Iraque. Mais uma vez, o esquadrão selecionou a área para a expansão com base na presença de um líder identificado, com quem o comandante da companhia responsável pelo terreno tinha um relacionamento forte, e na necessidade de prover segurança que nem as forças da coalizão nem as forças de segurança do Iraque podiam fornecer. Ao contrário de Arafia, porém, a área seguinte destinada à expansão ficou bem mais belicosa depois da chegada do esquadrão.

No final do verão de 2007, o esquadrão realizou uma série de encontros, reunindo membros do Conselho de Nahia, as Forças de Segurança do Iraque e importantes líderes tribais. Extremamente frustrados com o nível constante de violência em uma área logo ao sul de Jisr Diyala, chamada Tuwaitha, os líderes concordaram em dar um voto de confiança e estabelecer um novo grupo dos Filhos do Iraque. Tuwaitha foi palco de uma luta quase constante entre a Al-Qaeda no Iraque e as forças do Iraque e da coalizão durante anos. O inimigo atacou com dispositivos explosivos improvisados quase toda vez que as patrulhas se deslocaram pelo principal corredor de manobra da área. O contato próximo e a forte presença da Al-Qaeda no Iraque em Tuwaitha levaram o esquadrão a utilizar uma técnica ligeiramente diferente para implantar o programa Filhos do Iraque. A operação resultante, *Tuwaitha Sunrise*, tornou-se o modelo utilizado pela brigada inteira para estabelecer grupos de Filhos do Iraque em regiões não controladas e hostis. Nesse modelo tripartite, as forças de segurança do Iraque e as forças da coalizão, juntas, expulsavam os extremistas de uma região específica, os grupos de Filhos do Iraque mantinham a área e, em seguida, as forças da coalizão, aliadas ao governo local, começavam a construir a infraestrutura e

capacidade, visando a conquistar a população.

A operação *Tuwaitha Sunrise* teve início com um reconhecimento de área planejado e uma operação de liberação que incluiu os Filhos do Iraque, as forças de segurança do Iraque e as forças da coalizão. Depois de identificar um líder e escolher os locais para os postos de controle por meio de mapas e reconhecimento por veículo aéreo não-tripulado, o esquadrão desenvolveu um plano, que integrava as equipes de liberação de rota, cobertura de veículo aéreo não-tripulado, apoio aéreo aproximado, apoio aéreo aproximado de asa fixa, reconhecimento armado, soldados da Polícia Nacional (*Shurta*) e unidades das forças da coalizão providas de caminhões equipados com sistemas de canhão blindados e viaturas de combate sobre lagartas. Depois de sobrevoos de reconhecimento detalhados, as forças da coalizão e as forças de segurança do Iraque coordenaram com o novo líder dos Filhos do Iraque e vários integrantes de sua equipe de segurança em um local predeterminado ao longo da principal linha de comunicação. Os Filhos do Iraque lideraram, então, as forças de segurança do Iraque e as forças da coalizão ao longo da estrada com equipes de liberação de rota para limpá-la de possíveis dispositivos explosivos improvisados. Durante a operação, o esquadrão manteve atividade constante de Inteligência, Vigilância e Reconhecimento (*Intelligence, Surveillance and Reconnaissance — ISR*) aéreo ao mesmo tempo em que conduzia fogos de supressão contra prováveis santuários de insurgentes com morteiros de 120 mm, a partir de um posto de combate próximo, assim como artilharia de 155 mm e disparos de foguete de helicópteros AH-64 e OH-58. Os meios de aviação de asa fixa proporcionaram demonstrações de força a baixa altura. Todos esses fogos de supressão demonstraram a capacidade de aplicar fogos operacionais para impedir que as forças da Al-Qaeda no Iraque manobrassem contra os Filhos do Iraque, forças de segurança do Iraque e forças da coalizão envolvidas na operação.

Conforme os elementos avançados liberaram a área ao longo da rota, os elementos na retaguarda começaram a estabelecer postos de controle dos Filhos do Iraque para manter o terreno conquistado. Com equipamentos de terraplenagem fornecidos pelo líder dos Filhos do Iraque e pagos com uma

parcela do valor inicial do CERP para o contrato de segurança, foram criadas barreiras ao redor de cada posto de controle. Supervisionados pelas forças da coalizão, forças de segurança do Iraque e meios de aviação, os recém-estabelecidos postos de controle dos Filhos do Iraque eram essenciais para manter o terreno conquistado durante a operação de liberação. Fortalecidos pelas forças de segurança do Iraque e pelas forças da coalizão em um papel de força de reação rápida, os Filhos do Iraque foram capazes de repelir vários contra-ataques pelas forças da Al-Qaeda no Iraque ao longo das semanas seguintes. Uma segunda operação conduzida alguns dias depois ampliou a área de segurança e estabeleceu outros postos de controle ao longo das rotas principais.

Durante as Operações *Tuwaittha Sunrise I e II*, os Filhos do Iraque, as forças de segurança do Iraque e as forças da coalizão liberaram mais de 20 quilômetros das rotas principais. Ao fazê-lo, localizaram e destruíram 10 dispositivos explosivos improvisados colocados em posição e materiais para produzir muitos outros; localizaram, limpavam e destruíram quatro abrigos da Al-Qaeda no Iraque; eliminaram ou capturaram pelo menos seis líderes e combatentes da Al-Qaeda no Iraque (os Filhos do Iraque registraram um número bem maior que esse, mas não foi possível verificá-lo); e estabeleceram 20 postos de controle dos Filhos do Iraque, quatro postos de controle das forças de segurança do Iraque e um posto de controle de Serviços de Proteção da Instalação (*Facility Protective Services*) para manter a área e impedir outras incursões da Al-Qaeda no Iraque.

No final de setembro, Tuwaittha readquiriu um sentido de normalidade, e a atividade econômica e o tráfego de veículos e pedestres aumentaram durante todo o outono. Essas operações também estreitaram os laços entre o esquadrão e o recém-empossado líder dos Filhos do Iraque, Mahmood Jablowi. Logo depois, da Operação *Tuwaittha Sunrise*, o esquadrão conduziu uma ação médica civil e a entrega de ajuda humanitária na casa de Jablowi, consolidando sua capacidade de cuidar dos moradores locais e aumentando o seu prestígio. Com acesso à cidade de Jisr Diyala, Jablowi se tornou o representante de Tuwaittha no Conselho de Jisr Diyala Nahia, vaga que permanecera aberta durante meses. Tornou-se, mais tarde, um dos principais defensores da

ampliação do programa Filhos do Iraque para os arredores da cidade de Salmon Pak, no sul. Além disso, tornou-se um membro importante do Conselho de Apoio do Xeque, improvisação do Governo do Iraque para tentar influenciar o crescimento e o poder do movimento “Despertar”. A Operação *Tuwaittha Sunrise* representou o início de uma nova fase da ampliação do programa Filhos do Iraque, servindo de modelo para a implantação do programa em áreas hostis.

Expansão para o Norte: Qarguhliyah

Por estar ligado ao Despertar de Anbar, o movimento Filhos do Iraque era, desde o começo, predominantemente sunita e contra a Al-Qaeda no Iraque. O potencial do programa para aumentar a segurança era universal; entretanto, o esquadrão teve de analisar com cuidado a expansão para o norte do campo de combate, a área de Qarguhliyah. Ela incluía Four-Corners e Um Al Bid, mais misturadas em relação às seitas xiita e sunita que o resto da região (57% xiita e 43% sunita), enfrentando uma maior ameaça à segurança por extremistas xiitas e grupos criminosos do que pela Al-Qaeda no Iraque. Em consequência, o esquadrão modificou a sua abordagem para estabelecer esses grupos de Filhos do Iraque.

O esquadrão desenvolveu um relacionamento estreito com dois líderes principais em Qarguhliyah ao longo de vários meses. O comandante da tropa estabeleceu, primeiro, contatos para o fornecimento de informações sobre atividades de extremistas na área. Um desses contatos, Abu Amosh, um empresário sunita com fortes conexões tribais, observou com interesse a expansão do programa Filhos do Iraque e começou a trabalhar com o comandante da tropa na área para levar o programa para Qarguhliyah. Começou a recrutar voluntários locais para atuar como Filhos do Iraque, certificando-se de que representavam o perfil demográfico da região, dividido entre sunitas e xiitas. A tropa recrutou um líder xiita chamado Abu Mohammed para auxiliar na liderança do novo grupo de Filhos do Iraque. Durante as fases iniciais, o comandante da tropa voltou o foco de seus novos líderes dos Filhos do Iraque para o desenvolvimento de Inteligência aproveitável sobre grupos extremistas. É significativo que

estes eram, de modo geral, extremistas xiitas e tanto os líderes xiitas quanto os líderes sunitas dos Filhos do Iraque coletaram uma grande quantidade de informações sobre suas atividades, permitindo que a tropa detivesse vários líderes importantes e neutralizasse o fogo indireto e as células produtoras de dispositivos explosivos improvisados na área. Como havia menos atividade extremista na área, em comparação a outros lugares, a concepção dos postos de controle dos Filhos do Iraque se concentrou mais em melhorar as instalações e menos em liberar as áreas ao redor deles. Abu Amosh e Abu Mohammed se mostraram organizadores bastante capazes, e os postos de controle logo se tornaram excelentes modelos de segurança e melhoras visíveis na região. Abu Amosh também estabeleceu um quartel-general central dos Filhos do Iraque e instituiu uma reunião semanal para congregar líderes tribais, líderes dos postos de controle dos Filhos do Iraque e, mais importante, o representante do Conselho de Nahia de Qarguhliyah. Com o estímulo dos comandantes de tropa e do esquadrão, essa reunião se tornou a base para o extremamente organizado conselho comunitário local em Qarguhliyah, o primeiro do tipo na área de operações do esquadrão.

O conselho serviu como veículo imediato para que os líderes tribais levassem suas questões à atenção das forças de segurança do Iraque, forças da coalizão e representante oficial local do Governo do Iraque. Ao longo de várias semanas,

Os comandantes de tropa tinham plena autoridade para remover os líderes locais que não aderissem às suas funções ou ao programa.

Abu Amosh organizou o conselho de modo que ele cobrisse diversos departamentos, incluindo água, eletricidade, segurança, saneamento e educação. Essa organização permitiu ao conselho abordar problemas importantes dos líderes tribais e pressionar o Conselho de Nahia para melhoras

imediatas em Qarguhliyah. Além do conselho, Abu Amosh e Abu Mohammed criaram uma rede de Inteligência amplamente disseminada, que forneceu informações detalhadas para as forças de segurança do Iraque e forças da coalizão, permitindo que atacassem com precisão os líderes extremistas sunitas e xiitas e localizassem o esconderijo de armas e munição que facilitavam suas operações. O impacto desse grupo dos Filhos do Iraque e das organizações relacionadas foi imediato e visível: o volume de informações sobre atividades criminosas ligadas a grupos extremistas aumentou com uma rapidez inédita; os sequestros, os roubos de carro e a extorsão caíram para quase zero; a economia local prosperou com a maior segurança e com a injeção de dinheiro em função dos salários dos Filhos do Iraque; e o Conselho de Nahia se concentrou nos problemas relativos a serviços em Qarguhliyah, resultando em projetos do governo do Iraque, como a repavimentação de uma das estradas principais da área, a substituição de uma ponte danificada sobre o Rio Diyala e o conserto de uma estação de bombeamento de água vital para os fazendeiros locais.

O efeito desse sucesso levou à disseminação de grupos de Filhos do Iraque por toda a brigada, com uma maior expectativa de que eles trariam segurança, maior estabilidade e melhoras nos serviços e na economia local. Durante o restante de sua missão no Iraque, o esquadrão continuaria a buscar o progresso em todos os sentidos do esforço com grupos de Filhos do Iraque, formando, cada vez mais, um centro de oportunidade e ajudando a isolar os extremistas da população.

Expansão Rápida: Mantendo o Equilíbrio

Logo depois do êxito em Tuwaitha e Qarguhliyah, o projeto Filhos do Iraque se dividiu em diversas áreas no campo de combate do esquadrão, estabelecendo os comandantes de tropa, muitas vezes, vários grupos ao mesmo tempo, o que sobrecarregou a capacidade de comandar, controlar e manter operações múltiplas. O esquadrão havia implantado um modelo geral para estabelecer os grupos de Filhos do Iraque, mas cada grupo tinha necessidades e preocupações distintas a serem resolvidas pelo



Foto: cortesia do autor

Líderes participam de uma reunião de segurança de Jisr Diyala Nahia no quartel-general da Polícia Nacional em Tamim, no Iraque.

esquadrão. Isso levou tempo e esforço por parte dos comandantes de tropa e do estado-maior do esquadrão — especialmente no caso das células que lidavam com projetos e dinheiro do CERP. Contudo, o processo correu bem, sendo as considerações principais o estabelecimento do número certo de postos de controle para cada grupo e a seleção dos líderes certos.

Com o sucesso visível do programa, comandantes de tropa de praticamente todos os cantos do campo de combate receberam uma enxurrada de solicitações para estabelecer grupos de Filhos do Iraque. O comandante do esquadrão permaneceu determinado a não empregar os Filhos do Iraque onde não fossem necessários. Só iniciariamos grupos em áreas onde as forças de segurança do Iraque não estivessem presentes e onde fossem necessários postos de controle. Cabia aos comandantes de tropa analisar os requisitos com os grupos interessados e obter a aprovação antes da implantação, o que criou certo atrito com os líderes locais, que enxergavam o programa Filhos do Iraque como uma fonte de renda ou método de promover os interesses sectários. Esses líderes foram logo removidos do programa. Os comandantes de tropa tinham plena autoridade para remover os líderes locais que não aderissem às suas

funções ou ao programa. (Mais tarde, as forças de segurança do Iraque conduziram essa ação em conjunto com o esquadrão.)

Como eles cumpriam, primordialmente, uma função de segurança, os Filhos do Iraque precisavam demonstrar progresso nessa área. Os comandantes de tropa e de esquadrão analisavam contratos rotineiramente antes de renová-los ou efetuar pagamentos. Os membros do esquadrão mantinham um controle rigoroso dos depósitos de armas entregues, informações fornecidas por cada grupo de Filhos do Iraque e ataques ou relatos de ataques nas áreas de operações dos Filhos do Iraque. O esquadrão utilizava esses indicadores e números de extremistas e criminosos detidos para avaliar o progresso de cada grupo de Filhos do Iraque. O comando exerceu bastante pressão sobre os líderes dos Filhos do Iraque para continuar demonstrando progresso ou perder o direito aos postos de controle ou cargos (e, portanto, dinheiro). Essas perdas levaram a mudanças na liderança; alguns organizadores dos Filhos do Iraque se mostraram mais capazes que outros. Os cidadãos tribais e locais pressionaram os seus líderes dos Filhos do Iraque a apresentar informações e esconderijos de armas para manter os seus programas em funcionamento. Alguns programas avançaram pouco até que o líder certo

foi escolhido. O programa Filhos do Iraque em Jisr Diyala Nahia foi logo reconhecido por suas operações não-sectárias e baseadas na cooperação. Embora o movimento Despertar ainda estivesse, em geral, ligado a ações sunitas contra a Al-Qaeda no Iraque, na área de operações do esquadrão, os Filhos do Iraque eram um baluarte contra toda atividade extremista e criminosa, oferecendo igual oportunidade de emprego para xiitas e sunitas.

Engajamento Constante: Integrando as Forças de Segurança do Iraque e o Governo Local

Com o rápido crescimento do número de grupos e postos de controle dos Filhos do Iraque durante o inverno de 2007-2008, o comandante e o estado-maior do esquadrão começaram a instituir outras ferramentas de gestão para ajudar a organizar e controlar os Filhos do Iraque na sua área de operações. Um maior envolvimento do comandante local das forças de segurança do Iraque no processo era fundamental para manter a ordem e a legitimidade perante o Conselho de Nahia. O veículo principal para essa integração passou a ser a Reunião de Segurança de Nahia.

A reunião semanal no quartel-general da brigada da Polícia Nacional em Tamim congregava todos os líderes dos Filhos do Iraque na área de operações do esquadrão, assim como os comandantes de esquadrão e de tropa, os principais membros do estado-maior do esquadrão e o comandante da Brigada da Polícia Nacional, Coronel Emad, e seu estado-maior. Na primeira reunião, o comandante do esquadrão concedeu autonomia ao comandante de polícia, delegando-lhe a liderança da reunião e incentivando-o a negociar soluções para os problemas apresentados pelos líderes dos Filhos do Iraque. A princípio, essas reuniões se concentraram nas reclamações de líderes dos Filhos do Iraque sobre restrições do posto de controle, uniformes ou dinheiro, mas o Coronel Emad transformou as reuniões em um veículo para o compartilhamento de informações e ideias sobre como melhorar a segurança. Os líderes dos Filhos do Iraque começaram a discutir soluções em vez de problemas e a colaborar para resolver diferenças ou cobrir lacunas entre grupos de Filhos do Iraque. O comandante do esquadrão passou a apresentar os indicadores que a equipe

acompanhava toda semana, criando certo sentido de competição entre os grupos de Filhos do Iraque para que se tornassem mais produtivos.

A concessão de autonomia ao comandante da brigada policial rendeu enormes dividendos. Ele passou a receber relatórios e informações diretamente dos líderes dos grupos de Filhos do Iraque. A Polícia Nacional começou a reagir

***...muitos grupos xiitas
enfrentaram um problema
mais grave, quando grupos
extremistas ou criminosos
tentaram infiltrar ou conquistar
os Filhos do Iraque para seus
próprios fins.***

com rapidez a incidentes em áreas controladas por grupos de Filhos do Iraque e a conduzir investigações e ataques de surpresa com base nas informações fornecidas pelos Filhos do Iraque. Em toda a área de operações, o respeito pela Polícia Nacional como força de luta capaz e setor não-sectário do governo do Iraque aumentou.

Cada comandante de tropa também instituiu reuniões de conselho nas áreas sob o controle dos Filhos do Iraque. Realizadas no quartel-general de cada grupo, essas reuniões seguiram o modelo estabelecido em Qarguhliyah, reunindo Filhos do Iraque, chefes tribais, representantes de Nahia e líderes das forças de segurança do Iraque para discutir problemas e encontrar soluções. O Conselho de Nahia aproveitou essas reuniões locais para fazer todo o conselho sair do prédio do governo no centro de Jisr Diyala e visitar cada área do entorno. Os membros do governo passaram a ouvir o eleitorado diretamente nessas reuniões. Embora essa atenção pareça nada mais que o normal para quem está acostumado com a democracia representativa, foi, a princípio, um conceito estranho para os membros do Conselho de Nahia e chefes tribais.

O Conselho de Nahia foi, de modo geral, incapaz de atender à demanda quase esmagadora

pela reconstrução, mas, devido ao maior contato com os cidadãos locais, fez progresso em termos de direcionar recursos limitados com mais precisão. Em uma época em que o dinheiro do CERP para projetos de reconstrução era limitado, o Conselho de Nahia pôde empreender e concluir diversos projetos por conta própria, utilizando verbas iraquianas por meio do Conselho de Qada e Provincial. O programa Filhos do Iraque proporcionou um veículo por meio do qual o Conselho de Nahia aumentou sua atividade e capacidade de resposta ao eleitorado.

Os grupos de Filhos do Iraque exigiam supervisão e engajamento constantes. Além da reunião de segurança semanal de Nahia, os comandantes de tropa realizavam reuniões semanais com os conselhos comunitários locais (muitas vezes, dois ou três por comandante), participavam de reuniões de segurança com todos os seus líderes de Filhos do Iraque, e visitavam a área de operações diariamente. Era essencial

manter padrões uniformes nos postos de controle dos Filhos do Iraque. Isso permitia que as unidades das forças da coalizão ou forças de segurança do Iraque que passavam pela área por via terrestre ou aérea reconhecessem os Filhos do Iraque como amigos — algo que não deve ser ignorado em uma área de operações urbana complexa. Cumprir padrões de uniforme e manter os postos de controle organizados e limpos eram uma batalha que exigia inspeções diárias e supervisão. Os comandantes de pelotão impunham os padrões e efetuavam correções durante o patrulhamento de suas áreas. Ficou óbvio que a supervisão constante e a pressão produziram resultado, porque muitos grupos mantinham postos de controle mais bem policiados e padrões de uniforme melhores que a Polícia Nacional — fato que ajudou o Coronel Emad a motivar os comandantes de batalhão em várias reuniões a melhorar seus padrões também.

O esquadrão estabeleceu um posto de segurança combinado, a partir do qual integraria as



Foto: cortesia do autor

Operários da força de conservação civil iraquiana consertam mesas para uma escola local no Vilarejo 10.



Foto: cortesia do autor

Operários da força de conservação civil iraquiana se preparam para trabalhar em um parque em 4-Corners.

informações e respostas de segurança em toda a Nahia. A Polícia Nacional, polícia iraquiana, Serviços de Proteção de Instalação, serviços de emergência locais e a presença 24 horas das forças da coalizão ocupavam o posto. À medida que os grupos de Filhos do Iraque se espalharam pela Nahia, o esquadrão contratou mais Filhos do Iraque para servir de agentes de ligação no posto de segurança. Esses agentes de ligação recebiam os informes dos postos de controle e dos líderes dos Filhos do Iraque e disseminavam as informações que chegavam ao posto de segurança. O objetivo final do posto de segurança combinado era coordenar as respostas de segurança em toda a Nahia. Embora nunca tenha alcançado essa meta ambiciosa plenamente durante a missão do esquadrão, o posto conquistou avanços significativos — especialmente em integrar os Filhos do Iraque e estabelecer uma linha de denúncias. Embora não pudessem, às vezes, contatar os comandantes responsáveis pelo terreno diretamente, os Filhos do Iraque sempre podiam se comunicar com o posto de segurança para transmitir informações sobre atividades extremistas ou criminosas. Conforme a Polícia Nacional ficou mais competente, os Filhos do

Iraque desenvolveram uma expectativa razoável de que a polícia agiria rapidamente a partir das informações fornecidas por eles.

O engajamento constante e a liderança proativa por parte do esquadrão com líderes tribais, civis e das forças de segurança do Iraque fortaleceram o programa Filhos do Iraque. O próprio programa se tornou palco para a disputa entre a autoridade legítima e a influência extremista. Com frequência, a Al-Qaeda no Iraque desafiava os grupos sunitas diretamente, mas muitos grupos xiitas enfrentaram um problema mais grave, quando grupos extremistas ou criminosos tentaram infiltrar ou conquistar os Filhos do Iraque para seus próprios fins. A supervisão constante das forças da coalizão lhes conferiu a força moral para resistir a tais incursões, mas, às vezes, precisaram de apoio físico para enfrentar essa intimidação.

O exemplo mais impressionante disso ocorreu no final de março de 2008, quando as forças do governo do Iraque deram início a operações ofensivas contra os extremistas xiitas na cidade de Basra, no sul do Iraque. Quando as operações começaram, houve violência generalizada por parte dos grupos extremistas xiitas em todo o país. Os líderes xiitas dos Filhos do Iraque em

toda a área de operações do esquadrão foram intimidados, ameaçados e atacados. Em Saharoon e Sheshan, duas das áreas mais disputadas em torno de Jisr Diyala, alguns Filhos do Iraque fugiram amedrontados de seus postos de controle. Com o auxílio da Polícia Nacional, o comandante da companhia responsável por aquelas áreas pôde rapidamente reforçá-las e convencer os Filhos do Iraque a voltar ao trabalho. As ações das forças da coalizão e das forças de segurança do Iraque, assim como a longa história de engajamento constante, permitiram que os grupos de Filhos do Iraque envergassem, mas não quebrassem sob a enorme pressão dos extremistas e criminosos.

A interação constante com os líderes das forças de segurança do Iraque e do governo local, assim como o seu fortalecimento, foi considerável, levando ao progresso em todas as linhas de operação do esquadrão. Não só a situação de segurança melhorou, como as forças de segurança do Iraque ficaram mais fortes e capazes, o governo ficou mais conectado com o eleitorado e capaz de melhorar serviços e a economia local floresceu. Esses avanços foram o resultado do programa Filhos do Iraque. O sucesso contínuo, porém, estava longe de ser garantido.

Plano de Transição: Visão do Futuro

Desde o início, ficou claro que esse programa não duraria para sempre na forma atual. Conforme mais áreas locais aderiram aos Filhos do Iraque, a disseminação e o desenvolvimento do programa ficaram à frente das considerações estratégicas. No âmbito nacional, o governo do Iraque se recusou a reconhecer os Filhos do Iraque e pareceu hesitante em assumir o controle do programa, especialmente nos níveis de financiamento necessários para mantê-lo em todo o Iraque. O Corpo Multinacional no Iraque marcou a data final para o programa em outubro de 2008, a princípio. Naquela data, todos os integrantes dos Filhos do Iraque tinham de estar empregados nas forças de segurança do Iraque ou em indústrias civis.

Isso apresentou um problema complexo para o esquadrão. O objetivo dos Filhos do Iraque era aumentar a segurança em áreas onde as forças da coalizão e as forças de segurança do Iraque não podiam fazê-lo, devido à disponibilidade

limitada das forças. Infelizmente, parece que, independentemente do apoio dos líderes das forças de segurança do Iraque e do apreço gerado por êxitos locais, os Filhos do Iraque careciam da legitimidade necessária para ser o setor de segurança do governo do Iraque. Muitos iraquianos acreditavam que a presença de um grupo grande e bem organizado de sunitas armados ameaçava o governo nacional. Parecia que a única opção viável era transferi-los rapidamente para as forças policiais iraquianas locais, mas não seria aceitável para um grupo de Filhos do Iraque se retirar ou entrar para a polícia iraquiana em uma delegacia afastada. Essa alternativa não era atraente para os homens que haviam pegado em armas para proteger suas próprias vizinhanças. Também não era adequada para fornecer segurança local depois da retirada dos Filhos do Iraque.

No futuro, alguns integrantes dos Filhos do Iraque deverão passar para as forças de segurança do Iraque, preferivelmente para a polícia iraquiana, e cada comando dos Filhos do Iraque deve se tornar uma subdelegacia da polícia iraquiana. Os Filhos do Iraque, que vestem os uniformes beges nos postos de controle, um dia usarão os uniformes azuis da polícia iraquiana nos mesmos locais. A polícia seria mais bem treinada e capaz e exigiria um efetivo menor para proteger a mesma área e, portanto, só precisaria que um terço dos Filhos do Iraque entrasse para a polícia iraquiana. Os dois terços restantes passariam para outro tipo de trabalho, ou para uma força de conservação civil, para executar funções de serviço público como coleta de lixo e projetos municipais de benfeitoria sob a direção dos conselhos, assegurando, assim, benefícios econômicos e de segurança. A força de conservação também forneceria mão-de-obra local prontamente disponível para auxiliar em projetos, com o potencial de reduzir o custo de melhora e reconstrução da infraestrutura. O estado-maior do esquadrão visualizou o programa como um possível sistema de ensino técnico vocacional em que ex-integrantes dos Filhos do Iraque aprenderiam uma competência ou ofício vendável.

O financiamento era a chave para o planejamento de transição do programa. Evidentemente, o governo nacional não estava disposto a financiar os Filhos do Iraque da forma como estavam estruturados. Entretanto, talvez ele pudesse ser

persuadido a pagar por policiais adicionais para a função de segurança e, possivelmente, pela força de conservação civil, se o valor de tal programa pudesse ser devidamente comprovado. Incapaz de influenciar a discussão de âmbito estratégico necessária para tal decisão, o esquadrão teve de planejar para o que podia influenciar. Portanto, a equipe começou a buscar alternativas de financiamento para o modelo de ensino técnico vocacional, a fim de prolongar a vida útil do programa e ganhar tempo para que outros pudessem convencer o governo a ir adiante.

Depois de várias partidas em falso, o esquadrão criou um projeto de ensino técnico vocacional modelo com o potencial de se qualificar para verbas de reconstrução e reeducação do Departamento de Estado. Como o processo de aprovação levaria várias semanas, o comandante do esquadrão ordenou que as tropas transferissem um terço de seus Filhos do Iraque para uma força de conservação civil, imediatamente, para dar a arrancada inicial no processo. Sob a direção do líder dos Filhos do Iraque e do conselho comunitário local, sendo ainda remuneradas por meio do CERP, as forças de conservação partiram para o trabalho e efetuaram melhoras visíveis na área de responsabilidade dos Filhos do Iraque, removendo lixo, reconstruindo escolas e parques e limpando canais. O esquadrão reduziu, assim, o número de Filhos do Iraque dedicados à função de segurança, ganhando ímpeto para outras transições no futuro próximo. Embora não fosse uma solução perfeita, a combinação de contratos do CERP com o possível financiamento do Departamento de Estado pelo menos proporcionou mais tempo para negociações com o governo do Iraque sobre o futuro das unidades de obras civis.

A transição dos Filhos do Iraque para as forças de segurança do Iraque se mostraria mais frustrante. O governo do Iraque continuou a resistir à contratação de Filhos do Iraque como policiais. Embora o esquadrão houvesse realizado várias campanhas de contratação e elaborado a documentação de mais de 500 integrantes dos Filhos do Iraque, o Ministério do Interior atrasou continuamente a emissão de ordens de contratação. Embora não o dissessem abertamente, muitos integrantes sunitas dos Filhos do Iraque acreditavam que o Ministério

do Interior, predominantemente xiita, estava atrasando intencionalmente a emissão de ordens de contratação de policiais em Mada'in Qada, principalmente porque muitos dos novos candidatos dos Filhos do Iraque eram sunitas e não xiitas. Enquanto o esquadrão se preparava para uma substituição em posição por uma unidade da coalizão em maio de 2008, o governo ainda não havia contratado um membro sequer dos Filhos do Iraque como policial. A meta de transição era clara, mas ficaria a cargo da nova unidade concluir o processo com os Filhos do Iraque. Felizmente, o progresso alcançado por meio do programa Filhos do Iraque em fortalecer as forças de segurança do Iraque, desenvolver conselhos comunitários locais e ligar o Conselho da Nahia Council ao seu eleitorado, estava consolidado. Era provável que sobrevivesse mesmo que o programa desaparecesse. Esses ganhos não teriam sido possíveis, porém, sem os Filhos do Iraque. Muitos líderes locais reconheceram o verdadeiro valor do programa e a sua expectativa de vida limitada caso o governo do Iraque não apoiasse os esforços de transição. Para tanto, até o fim de abril, alguns chefes tribais na área de Qarguhliyah começaram a discutir formas de financiamento privado para o programa caso o governo não o fizesse. O fato de que os líderes de uma área relativamente pobre consideravam tirar dinheiro do próprio bolso para financiar o programa demonstra a sua importância para a população local.

Efeitos: Resultados e Tendências

Ao longo de nove meses, o programa Filhos do Iraque teve um efeito visível na área de operações. Os Filhos do Iraque eram responsáveis em descobrir, coletar ou informar a localização de literalmente centenas de esconderijos de munição que as forças da coalizão e de segurança do Iraque pudessem recuperar ou reduzir. Apreenderam centenas de armas, milhares de cartuchos de munição e toneladas de explosivos e materiais para a fabricação de dispositivos explosivos improvisados. Descobriram também propaganda e informações de treinamento de extremistas nesses esconderijos. Forneceram informações que levaram à captura de pelo menos cinco alvos de grande valor e 100 suspeitos de integrar grupos insurgentes, extremistas ou criminosos.



Foto: cortesia do autor

Filhos do Iraque ajudam as forças da coalizão a recuperar um depósito de armas contendo 773 cartuchos explosivos.

Mais importante, o programa Filhos do Iraque formou laços cruciais com a população local, melhorando a capacidade do esquadrão de coletar informações e Inteligência Humana, essenciais para as operações de contrainsurgência. Durante uma reunião do conselho comunitário em meados de abril, um informante dos Filhos do Iraque transmitiu informações sobre um esconderijo para o líder do conselho, que as passou imediatamente ao comandante da tropa responsável pelo terreno. Menos de uma hora depois, a Polícia Nacional, forças da coalizão e Filhos do Iraque utilizavam uma pá-carregadeira para escavar um enorme depósito de explosivos destinados a Bagdá.

Em pouco mais de cinco meses, os Filhos do Iraque na área de Mada'in Qada, a cargo do esquadrão haviam identificado 58 esconderijos e 32 dispositivos explosivos improvisados e fornecido mais de 600 dicas ou declarações juramentadas sobre os insurgentes. Em toda a área de operações, os ataques contra as forças da coalizão, forças de segurança do Iraque e cidadãos locais caíram de quase 35 em julho de 2007 para menos de 10 em janeiro e março de 2008. O

programa Filhos do Iraque forneceu segurança de fato, salvou vidas de inúmeros soldados das forças da coalizão e forças de segurança do Iraque e impediu a destruição de grandes quantidades de equipamentos destas.

Em termos qualitativos, o programa também teve estrondoso sucesso. Os Filhos do Iraque ajudaram o esquadrão a conquistar enormes avanços ao longo de diversas linhas de operações. As forças de segurança do Iraque funcionaram melhor e gozaram de maior prestígio. O governo da Nahia ficou fortalecido, ativo e mais conectado com o eleitorado por meio dos conselhos comunitários locais. A economia local recebeu um impulso com a estabilização da situação de segurança e a injeção de dinheiro no âmbito dos consumidores quando os integrantes dos Filhos do Iraque gastaram seus salários para sustentar suas famílias. A força de conservação civil efetuou melhoras imediatas e visíveis em toda a área de operações. Os Filhos do Iraque, quando utilizados para engrossar as fileiras das forças da coalizão, mostraram-se decisivos durante um momento especial das operações dos EUA no Iraque. **MR**